

CONTOS ENIGMÁTICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II: 8º e 9º ANOS

Debora Carolina
Graduanda em Letras – Fapam
E-mail: deborahteletras@hotmail.com

Profa. Dra. Ana Paula Ferreira
Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP
E-mail: paulaferreira03@yahoo.com.br

RESUMO: O artigo destaca a relevância do trabalho com o conto enigmático nas séries finais do Ensino Fundamental como ferramenta para o desenvolvimento da leitura de entendimento. O objetivo é pensar caminhos que possam facilitar o trabalho do professor em fomentar a aquisição de habilidades de compreensão textual mais complexa. A fundamentação teórica é feita a partir de Maria Helena Martins e Luiz Antônio Marcuschi e os contos enigmáticos escolhidos para análise são “Tu és o Homem”, de Edgar Allan Poe, e “O Fantasma da Quinta Avenida”, de Jerônimo Monteiro. A partir de levantamento teórico e reflexões metodológicas, sugerem-se atividades que podem auxiliar o professor a fomentar o desenvolvimento da leitura de seus alunos.

Palavras-chave: conto enigmático – leitura – mistério – narrativa – pistas

1. APRESENTANDO A QUESTÃO

A leitura e a produção textual são recursos relevantes para a formação de um indivíduo crítico, capaz de analisar a sociedade e interpretar o meio que o rodeia. Isso viabiliza sua inserção social, bem como o exercício da cidadania.

Atualmente, o ensino nas escolas apresenta lacunas que comprometem o rendimento do aluno, especialmente em questões relacionadas à leitura e à escrita. Não sem motivos, é apontado pelo PISA – Programme for International Student Assessment – que o Brasil hoje apresenta em torno de 44,1% de seus alunos de 15 anos das escolas públicas abaixo do nível de aprendizagem considerado adequado em leitura. Muitos discentes que não conseguem atribuir sentido ao que leem, ficando apenas no nível primário dessa atividade, ou seja, na parte da decodificação.

Ao ler um texto, o sujeito estabelece uma relação entre seu conhecimento prévio e aquilo que lhe é informado, sendo a etapa mais profunda do processo a exposição de sua opinião sobre o referente intrínseco do material lido. Talvez essa seja a tarefa mais difícil a ser desempenhada pelo leitor de hoje, uma vez que a maior parte das leituras está voltada para o utilitarismo da comunicação instantânea, cuja formulação e entendimento apenas requerem habilidades mínimas de letramento.

Um caminho para proporcionar uma leitura mais profunda, sobretudo a literária, é sua prática em sala de aula, orientada detalhadamente pelo professor. Ao utilizar, por exemplo, um conto enigmático, o docente tem à sua disposição diversas ferramentas, pois esse material contém particularidades que podem enriquecer o processo de leitura e entendimento, como o mistério, as pistas, os personagens marcantes e até mesmo o próprio desfecho da trama.

No intuito de fomentar a qualidade de leitura dos alunos, o professor desempenha um relevante papel, pois cabe a ele ensinar e conduzir a forma de ler, ressaltar as passagens importantes e induzir o aluno à descoberta de peças essenciais para o entendimento das reflexões de nível mais complexo do texto.

Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é propor atividades a partir de contos de enigma, a fim de fomentar (nos alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental) o desenvolvimento de habilidades de leitura em níveis de inferência mais profundos. A fundamentação teórica é feita a partir de Maria Helena Martins e Luiz Antônio Marcuschi.

Segundo Roland Barthes (2004, p 37– 40), “o leitor sente prazer com um texto, dentre outras razões, porque ele é impelido para frente durante a leitura, que, presa à ‘ordem do suspense’, provoca um prazer ‘visivelmente ligado à observação do que se desenrola e ao desvendamento do que está escondido’”. Seguindo esse pensamento, o conto de enigma pode ser trabalhado na escola, não só como atividade cognitiva, mas também como modo de despertar o interesse dos alunos pela leitura e pela escrita.

De acordo com Poe (1974, p 147-163), “o conto é uma narração curta em prosa que requer de meia hora a uma hora e meia ou duas de leitura”. Seguindo esse pressuposto, o tempo gasto para ler é reduzido, o que contribui para que a prática dessa atividade seja atrativa aos jovens que ainda não têm o hábito de ler.

Enfoca-se, no presente estudo, a importância da prática da leitura nas séries finais do Ensino Fundamental, associada aos contos enigmáticos “Tu és o Homem”, de Edgar Allan Poe, e “O Fantasma da Quinta Avenida”, de Jerônimo Monteiro. Isso porque, ao ler esse tipo de texto, o aluno notará a necessidade de entendimento mais profundo e a importância de ler com atenção, pois, a cada passagem, uma nova pista é apresentada, sendo o entendimento de cada pormenor importante para o desvendamento do mistério.

2. CONTOS DE ENIGMA: DISCUSSÕES EM TORNO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

A literatura, expressa de forma oral e escrita, é dividida hoje em quatro gêneros: narrativo, lírico, épico e dramático. O gênero narrativo, para o qual o presente estudo se volta, é subdividido em espécies, como fábula, novela, conto, crônica, ensaio e romance. A narrativa supõe a habilidade

de relatar fatos, acontecimentos, havendo geralmente a presença de um narrador, responsável pela estruturação do enredo, que, por sua vez, é o encadeamento de fatos, sendo também conhecido como a trama.

Dentre os elementos que formam a narrativa, ganham fundamental importância, nos contos de enigma, o tempo psicológico e o espaço. Ainda que a narrativa se desenvolva linearmente nesse tipo de texto, a sondagem da mente pode ser importante para o entendimento do pensamento investigativo, assim como das razões de ser dos personagens. Por outro lado, o mapeamento do espaço, sobretudo do espaço físico, pode ganhar relevância na medida em que ele demarque acontecimentos ou mesmo os faça repercutir de forma especial – um crime pode ter diferentes repercussões conforme o local onde acontece, por exemplo.

De acordo com Castilhos e Muller (2007, p.3), “o gênero conto, como as demais narrativas ficcionais, apresenta uma sequência narrativa de ações imaginárias como se fossem reais, envolvendo personagens em um determinado tempo e em um determinado espaço.” Isto é, o conto possui o foco em um determinado acontecimento, normalmente uma história inventada, ou seja, uma ficção. Segundo Claude Brémont (1971, p.110-135), “toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação”. Em outras palavras, Claude Brémont acredita que, em toda narrativa, haverá sempre algo a ser contado, e o humano configura-se parte essencial, uma vez que a matéria é de seu interesse ou está intrinsecamente ligada a ele.

Os contos de enigma são histórias em que um detetive e um crime estão presentes, quase que necessariamente, e, ao desvendar o enigma, o protagonista torna-se herói. À medida que investiga as pistas, o leitor vai se aventurando na história, de forma que participa do desenrolar dos fatos até o desfecho da narração.

Teoricamente, o conto de enigmas surgiu com Edgar Allan Poe, em abril de 1841, com a publicação de “The Murders in the Rue Morgue” (“Dois Crimes na Rua Morgue”). Assim, Poe é considerado o “pai” dos contos enigmáticos, pois suas histórias sempre possuíram mistérios, características policiais ou até mesmo de terror.

Apesar de ter surgido com Poe, é com o escocês Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, que esse gênero tornou-se notório. Notoriedade esta que se deu pelo fato de a personagem Sherlock Holmes ser singular, com personalidade enigmática e obsessiva na hora de decifrar um mistério. A sequência de obras encabeçada por esse protagonista ganhou fama mundialmente, conquistando os leitores, o que tornou essa criação literária a mais vendida e adaptada o gênero para os mais diversos meios de comunicação.

No Brasil, esse tipo de literatura é fortemente desenvolvido por Jerônimo Barbosa Monteiro, autor considerado o criador do primeiro detetive brasileiro, Dick Peter, em 1937, e da primeira série policial, “As Aventuras de Dick Peter”, em 1938, sucesso absoluto nas rádios.

Esses três autores, de forma distinta, abordaram em seus textos o mistério, a literatura sombria e, sobretudo, a personagem detetive, que desvenda o enigma seguindo indícios de modo lógico e objetivo, o que definitivamente agradou aos leitores e acarretou o sucesso junto à crítica, pois, além do gosto pela descoberta e pela perseguição estar inserido entre os instintos humanos, trata-se de textos com arquitetura muito bem elaborada.

É importante lembrar que o conto enigmático pode propiciar o gosto pela leitura, sobretudo pela tentativa de desvendar o mistério inculcado nas obras, por meio da descoberta das pistas deixadas no local do crime, por exemplo, o que se dá graças ao poder de observação e à inteligência lógica, expostas pelo detetive ou deduzidas pelo próprio leitor.

Como o conto tradicional sempre tem um desfecho bem delimitado, o tipo de texto em questão possui estrutura literária específica, compreendida por quatro fases fundamentais: situação inicial, complicação, clímax e desfecho. A situação inicial é marcada normalmente por um crime ou um mistério, que permeia toda a narrativa. A complicação é o descobrimento desse crime e a dificuldade em amarrar os indícios para desvendar tal mistério. O clímax é o ponto alto da narrativa, no qual o mistério é revelado ao leitor, o que ocorre, geralmente, de forma inesperada no intuito de surpreendê-lo. O desfecho é a solução da situação problema, crime ou do próprio mistério revelado no clímax. Trata-se da parte final do conto em que o destino das personagens é explanado.

3. HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA NOS 8º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Como o conto enigmático pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades de compreensão e de produção textual nas séries finais do Ensino Fundamental II? Essa é a pergunta que deu início ao presente estudo.

A escola do século XXI promove o protagonismo do estudante ao incentivá-lo a ser autônomo na construção de sua identidade e de sua integração social. Um dos coeficientes mais substanciais para isso é a leitura, atividade cognitiva que mais exige do ser humano, uma vez que concentração, percepção e compreensão são ferramentas essenciais nessa atividade. É por meio dela que o crescimento social (e até econômico) se fortalece e ganha êxito.

Segundo Martins,

o conceito de leitura é bem abrangente, mas, entre as várias concepções, sintetiza duas caracterizações: 1. Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de

aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo/resposta - perspectiva behaviorista-skinneriana; 2. Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica). (1994, p.74)

Dessa forma, visando a esse protagonismo, escola, pais e professores devem estimular a prática leitora de compreensão, sobretudo em seus níveis mais profundos, pois o aluno precisa discernir, no texto, mais que meros elementos estruturais, a trama de ideias subjacentes ao que o autor deixa registrado. O aluno precisa, sobretudo nos anos finais do Ensino Fundamental, ter a capacidade de ler para além do dito, ou seja, ser capaz de ler o “não dito”, podendo aprofundar as relações de inferência e estabelecer relação entre o que lê e o conhecimento já adquirido. Vale ressaltar que a atividade de leitura necessita da junção entre compreensão textual e conhecimento de mundo, podendo o leitor, a partir dessa atividade, transformar seu meio social e a realidade que o cerca.

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra (...). De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida do mundo, mas por certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2001, p.20).

É tendo isso em vista que, atualmente, um dos grandes desafios da educação é fomentar a leitura produtiva e transformadora. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa,

a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem os quais não é possível proficiência. (BRASIL, 2001, p.69)

Assim, ler significa interagir com o material lido. Marcuschi (1985, p.3) também defende que “a leitura é um processo de seleção que se dá como um jogo, com o avanço para predições, recursos para correções, não se faz linearmente, progride em pequenos blocos ou fatias e não produz compreensões definitivas”.

Para que isso ocorra, é necessário o acesso de qualidade ao texto, e, por isso, é papel da escola zelar pela forma como o sujeito se relaciona com o material lido, uma vez que é na transição da decodificação para a compreensão textual que se obtém um leitor capaz de assimilar e inferir e não apenas recordar o objeto lido.

A fim de que o aluno possa alcançar níveis mais eficazes de entendimento do que lê, a produção textual também pode ser ferramenta relevante, pois, no processo de escrita, a junção entre as ações de ler e escrever é considerável; o texto escrito deixa uma mensagem para o leitor, assim

como o leitor constrói sua aceção em cima do texto lido. E é a partir dessa interação de finalidades que os alunos conseguirão efetivamente construir um texto coerente e coeso e, assim, entender um pouco mais sobre os caminhos que um texto pode tomar e o que se espera da participação de quem lê.

Assim, o trabalho com os contos enigmáticos se torna interessante, pois esse tipo de texto supõe a capacidade de preencher lacunas e, portanto, supõe a criação de uma cadeia de inferências feitas durante a leitura e preparadas pelo autor para que aconteçam. A leitura produz no leitor inquietude, visto que o mistério possui uma feição de aventura. Além de acarretar a sensação de desbravamento, cada pista desvendada é um ganho; a leitura torna-se envolvente e o leitor, ao decifrar os enigmas, implica-se querendo novos pontos, novas cenas, a fim de descobrir o mistério. Isso pode ser percebido no trecho abaixo, de Poe.

Ali as coisas tomaram, de novo, um aspecto ainda mais desfavorável. Interrogado a respeito de seus passos na manhã do desaparecimento do Sr. Shuttleworthy, teve o prisioneiro a absoluta audácia de confessar que justamente naquela manhã estivera com seu rifle de caçar veados, na imediata vizinhança de onde o colete manchado de sangue fora descoberto, graças à sagacidade do Sr. Goodfellow. Este último adiantou-se então e, com lágrimas nos olhos, pediu permissão para ser interrogado. Disse ele que um agudo senso dever para com seu Criador, e não menos para com seus companheiros, não lhe permitia que permanecesse por mais tempo em silêncio. (Allan Poe, 1992. p 47)

Como afirma,

a inferência revela-se como conclusão de um raciocínio, como elaboração de pensamento, como uma expectativa. Sua manifestação envolve estados afetivos individuais e reações socialmente marcadas, que, sob forma de confiança ou inquietação, constituem diferentes graus de crença. (DELL'ISOLA, 2001, p.42)

Trata-se de um processo contínuo do início ao final da leitura em que “o leitor toma decisões provisórias a serem firmadas, rejeitadas ou aprimoradas à medida que as informações parciais são processadas. Assim a leitura toma curso” (DELL'ISOLA, 2001, p.30). O problema a ser trabalhado pelo professor com os alunos de 8º e 9º anos nasce justamente na forma como as inferências são processadas – apressadamente, sem um embasamento lógico – ou mesmo na sua dificuldade de inferir – por falta de conhecimento ligado ao que lê, falta de concentração ou mesmo por lhe faltar certa criatividade na situação de leitura em que se encontra.

Vale lembrar que a dificuldade de inferir também pode surgir da dificuldade de fluência na norma culta, sobretudo na leitura literária. Atualmente, é muito vista uma escrita voltada para o utilitário, descuidada e muito presente nas redes sociais. Levando em consideração seus meios e finalidades, normalmente essa escrita não é voltada para a norma culta, pelo contrário, é sempre abreviada e cheia de neologismos.

Entretanto, não cabe ao professor, no momento das atividades a serem sugeridas na próxima seção, resolver essa dualidade, “escrita formal versus escrita utilitária”. Cabe a ele despertar no aluno a percepção da importância de respeitar a norma culta para que o texto seja entendido por uma esfera mais ampla de leitores e também esclarecer o discente sobre a necessidade de dominar bem a variante padrão, não só por todas as questões sociais implicadas, mas também para que sua leitura possa ser de qualidade.

4. O CONTO DE ENIGMA EM SALA DE AULA – TRABALHANDO HABILIDADES DE COMPREENSÃO TEXTUAL

Segundo pesquisa feita pela Fundação Pró-Livro em 2012 para o jornal “O Tempo”, com publicação em 28/03/2012, os jovens entre 13 e 15 anos leem em torno de 5.9 livros por ano e destes, 2,7 são pré-determinados pela escola. Esse índice se reflete na dificuldade de interpretação textual que os docentes enfrentam.

Para que o número de leitores aumente e, por conseguinte, a escrita melhore de modo substancial, o trabalho com contos enigmáticos é, decerto, relevante. O conto de Edgar Allan Poe, “Tu és o Homem”, originalmente publicado com o título “Thou art the Man”, retrata o desaparecimento misterioso de um senhor burguês (Sr. Aparício Penagrande) e é envolto em uma literatura sombria, que culmina em uma grande descoberta.

O que ele contou foi, em substância, o seguinte: acompanhou sua vítima até a vizinhança do brejo; ali atirou no seu cavalo, uma pistola; matou o cavaleiro com a coronha da arma; apossou-se de sua carteira e, supondo morto o cavalo, arrastou-o com esforço até as sarças junto do brejo. Em seu próprio animal, colocou o cadáver do Sr. Shuttleworthy e assim o levou até um esconderijo seguro e bem distante, através das matas. O colete, a faca, a carteira e a bala foram colocados por ele próprio nos lugares em que foram encontrados, com o intuito de se vingar do Sr. Pennifeather. Tinha também tramado a descoberta do lenço e da camisa manchados. (Allan Poe 1992. p.53)

Esse conto induz o leitor a crer que o assassino do Sr. Aparício Penagrande seja seu único sobrinho, o Sr. Penásio Pinin, movido pela ganância, visto que seu tio era um senhor muitíssimo rico. Ao longo do texto, algumas pistas são encontradas e culminam na culpabilidade do sobrinho, como a marca da ferradura indicando o caminho percorrido pela vítima e o colete de veludo do Sr. Pinin, achado nesse caminho. Esses indícios aguçam a curiosidade dos alunos em terminarem a leitura a fim de desvendarem o enigma. Cabe ao professor nortear a aula com o propósito de fazer os discentes perceberem que, identificando e enumerando esses vestígios, poderão ter facilidade na leitura.

Outro conto instigante nesse aspecto é o “O Fantasma da Quinta Avenida”, de Jerônimo Monteiro, que descreve o aparecimento de um ser enigmático que assombra a jovem noiva Mary, tendo o Sr. Dick Peter função de desvendar esse ser. O texto é composto de mistérios e, para esclarecê-los, o leitor deve estar atento. Por se tratar de um ser sobrenatural (fantasma), muitos jovens podem não gostar, por não acreditarem nessa temática, no entanto o conto é surpreendente. Algumas perguntas são inevitáveis ao longo da leitura: De quem era o vulto branco que assombrava as noites de Mary? E o barulho do carrilhão? De onde vinha? O leitor, tentando dar respostas a esses questionamentos, acompanha o trajeto de Sr. Dick Peter, cujo trabalho é minucioso, pois, a cada nova descoberta, a direção para o desvendamento é mudada.

Em ambos os textos, o desconhecido é excitante, já que provoca no leitor uma grande inquietação a fim de desvendar o segredo. Há que se considerar também que cada leitor enxerga as pistas, o mistério, de um determinado modo, o que favorece o trabalho do professor, que, ao fomentar inferências, pode perceber o nível de entendimento dos discentes, avaliando se a leitura foi, de fato, de entendimento.

Como atividades a serem desenvolvidas em sala de aula com os objetivos já apontados, sugere-se a seguinte sequência:

- preparação dos alunos a partir de conversa guiada pelo professor sobre o que se espera do tipo de narrativa a ser lida e o que já sabem a respeito do gênero;
- leitura (feita pelo docente) atenta e com entoação coerente com o desenrolar do texto, para que o aluno perceba que até mesmo a obediência aos sinais de pontuação no ato de ler contribui para o processo;
- repetição da prática feita em sala de aula pelo aluno em casa, nesse momento, marcando o texto e fazendo anotações sobre a evolução dos indícios investigáveis. Também é importante, nessa tarefa, a marcação das falas das personagens e do comportamento de cada uma, principalmente daquelas que estiveram presentes na cena do crime ou do mistério, enumerar as pistas (qualquer que seja considerada pelo aluno);
- análise dos elementos da narrativa, síntese do texto lido e, em seguida, reescrita do conto sob a ótica do antagonista;
- avaliação, pelo professor, da leitura feita em casa por meio de questões de compreensão textual orais e por escrito e trocas de experiências sobre a reescrita feita;

- elaboração de roteiros (em grupos) para apresentação teatral, fazendo-se as adaptações que se fizerem necessárias;
- encenação das peças compostas.

A atividade em grupos é interessante, pois cada leitor faz um tipo de inferência. Isso se relaciona com o nível de leitura que é feito, ou seja, se é uma leitura mecânica, dificilmente serão notadas pistas e situações enigmáticas; porém, se for uma leitura detalhista, facilmente isso será observado. Dessa forma, os contos citados podem ser utilizados com a finalidade de promover a leitura de forma colaborativa e em grupos, facilitando o desenvolvimento da habilidade de compreensão e produção textual.

Segundo os PCNs, esse tipo de leitura é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices que dão sentido ao texto, tornando possível a formulação de inferências e a antecipação de determinados acontecimentos.

Para isso, ele pode utilizar alguns descritores da língua portuguesa – sugeridos pelo MEC como norteadores do processo de ensino-aprendizagem – para orientar seu trabalho, pois eles traduzem a associação entre conteúdos e operações mentais, ou seja, especificam o que cada habilidade implica. Dentre as várias possibilidades de exploração dos contos enigmáticos, como já apontado, a leitura deve possibilitar o máximo de conhecimento dos contos, e, para isso, sugere-se que o professor se referencie no que é proposto nos seguintes descritores: D1 (localizar informações explícitas em um texto), D10 (identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa), D12 (reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão), D18 (identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros) e D30 (escrever um texto), pois por meio desses referenciais, ele poderá avaliar o resultado obtido. (BRASIL, sd).

Para a efetivação desse processo, é necessário que os alunos, após a leitura, continuem o processo de inferência sobre o material, ou seja, é essencial que eles entendam além daquilo que é descrito no texto, compreendendo, em nível mais profundo, a mensagem que o autor expressa, o que algumas vezes é descrito nas entrelinhas. É importante que o aluno se posicione e articule sua opinião.

As inferências são processos cognitivos que implicam a construção de representação semântica baseada na informação textual e no contexto, sendo justamente a capacidade de reconhecimento da intenção comunicativa do interlocutor, e mais precisamente do autor, no caso do texto escrito, que caracteriza o leitor maduro e, portanto, crítico, questionador e reconstrutor dos saberes acumulados culturalmente. (MARCUSCHI, 1985, p.14)

A técnica de leitura, sugerida para facilitar esse processo é o modelo interacional (Guilherme Duran, 2009 p.4), associado à leitura crítica, ou seja, uma leitura que une o fluxo descendente, que é o conhecimento adquirido pós-leitura, ao ascendente, que é o conhecimento prévio e à visão crítica do significado do texto. Isso demanda, simultaneamente, o conhecimento prévio de cada leitor sobre o tema, o significado empregado por ele ao reconhecer cada palavra e o real sentido de linguagem e significado presentes no texto.

O êxito de toda essa operação cognitiva será percebido na recriação do texto. Nessa fase, cada passagem deve obedecer tecnicamente ao que é estruturado na obra inicial, mas essa atividade pode ser criativa e conter inferências, seja do leitor/aluno, seja da ótica da personagem em foco, pois, nessa reescrita, o foco não é a ótica da obra inicial, e sim da personagem antagonista.

Para um bom resultado nessa prática, dividir a turma em duas equipes, e sortear um conto para cada uma delas é o mais indicado, uma vez que isso facilitará a compreensão da proposta e a própria divisão de tarefas. É interessante também a nomeação de um líder por equipe para facilitar essa divisão.

5. DRAMATIZAÇÃO: SUAS IMPLICAÇÕES NAS HABILIDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Trabalhar a dramatização na escola é inteiramente oportuno, visto que possibilita diversos aprendizados aos alunos, como a criatividade, a socialização, a memorização, a ampliação do vocabulário e, sobretudo, porque pode contribuir para o entendimento, em nível mais profundo, do texto original (uma vez que a peça será construída a partir da adaptação dos contos originais), além de ser uma tarefa altamente motivadora.

Como a proposta é a leitura dinamizada, que visa ao descobrimento de pistas, a fim de chegar ao desfecho do mistério e à reconstrução do texto por uma nova ótica para a dramatização, é imprescindível um conhecimento abrangente dos textos, pois o roteiro teatral deve conter de modo abrangente o que será dito e encenado no palco. Os alunos tendem a encontrar dificuldade ao adaptar a narração, visto que geralmente, em peças teatrais, não há narradores. Porém, compete ao professor orientar e conduzir esse roteiro, e, por vez, caso seja difícil essa adaptação, nada impede que contenha algumas cenas narradas. A adaptação de alguns elementos contidos na escrita é difícil de ser dramatizada, como a parte que é inteiramente incumbida ao narrador.

Segundo Cereja e Magalhães (2000, p.72), dramatizar significa representar, colocar em ação algo ou algum acontecimento, aplicando emoção. A linguagem textual é gestual, dinâmica e expressiva, o que é necessário para prender a atenção dos espectadores. Para dramatizar um conto enigmático, os alunos deverão causar catarse, ou seja, surpreender ao fim da dramatização da obra

adaptada. Alguns elementos são vultosos e favorecem a surpresa e o mistério, que são fundamentais nesse processo, como o figurino, a maquiagem, o cenário e especialmente os gestos e a reprodução.

Como as cenas são descritas conforme a ação de cada personagem, nos contos tomados como referência, cada passagem da obra reescrita deverá ser uma cena elaborada pelos alunos, enfocando sempre a propagação das pistas aos espectadores, pois assim serão capazes de acompanhar o desfecho da obra junto ao desfecho do mistério.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação em sugerir atividades para fomentar o desenvolvimento da leitura por alunos de Ensino Fundamental é realmente plausível, tendo em vista toda a complexidade que essa atividade exige do sujeito e as dificuldades enfrentadas hoje pelo ensino no Brasil.

Diante disso, considerando que o conto é um evento imaginário breve e que seu grupo reduzido de personagens faz com que a facilidade de entendimento motive o aluno a terminar a leitura, utilizar o conto enigmático nas séries finais do Ensino Fundamental, tendo como ferramenta a leitura dinamizada e instruída pelo professor e a reescrita, contribui para a promoção do protagonismo, da autonomia e da criatividade do discente. O uso do conto de suspense faz com que a leitura seja interessante, ao tornar o aluno parte da história, desvendando o enigma.

Além disso, as questões apresentadas pelo professor durante as atividades promovem a compreensão do texto e fazem com que o aluno localize informações e trabalhe a sua capacidade de inferir para uma melhor conclusão de ideias durante a leitura. As palavras e a escrita misteriosa, bem como sua pontuação expressiva, dão sentido à emoção sentida pelo discente ao ler ou produzir os contos.

É importante proporcionar aos alunos oportunidades para aprofundarem suas habilidades de leitura e de produção textual, por meio do entendimento e da capacidade de inferir. O conto enigmático provoca no discente o desejo de terminar a leitura, uma vez que o desfecho do mistério é o ponto chave. Isso contribui para o bom resultado da aula, e, dessa forma, o professor terá facilidade em conduzir a leitura.

Assim, a prática pedagógica voltada para a perspectiva discursiva e dramatizada, por meio da aula interacional, pode trazer situações de significativa aprendizagem para o aluno.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acessado em 10/05/17.

-----Resultado PISA. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33571>>. Acessado em 17-06-17.

BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. *In*. BARTITES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 110-135.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASTILHOS, D. C.; MULLER, L. F.. ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS: UMA PROPOSTA COM O GÊNERO “CONTOS DE TERROR E MISTÉRIO”. *In*: **Anais do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET**, Tubarão, 2007.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**. 5 ed. São Paulo: Atual, 2005.

DOYLE, Arthur Conan. **Sherlock Holmes: um estudo em vermelho**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

DURAN, Guilherme Rocha. **As concepções de leitura e a produção do sentido no texto**. Revista Prolíngua – ISSN 1983-9979. Volume 2, número 2 – Jul./Dez. De 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FUNDAÇÃO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. O Tempo, Belo Horizonte, 28 mar.2012. Disponível em: <<http://jornalotempo/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html>> Acesso em 08/05/17

MONTEIRO, Jerônimo. **O Fantasma da Quinta Avenida**. Disponível em <<https://jeronymomonteiro.wordpress.com/>> Acesso em 01/05/2017.

Marcuschi, L. A. Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo. *In* **Leitura, Teoria e Prática**. Porto Alegre, 4, 1-14, 1985

MARTINS, Maria Helena. Ampliando a noção de leitura. *In*: **O que é leitura**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 22 - 78.

POE, Edgar Allan. Filosofia da composição. *In*: **Poemas e ensaios**. 2. ed. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

POE, Edgar Allan. **Ficção completa: poesia e ensaios**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.